



PUBLICAÇÕES PERIÓDICAS AUTORIZADA A CIRCULAR EM INVÓLUCRO FECHADO DE PLÁSTICO OU PAPEL PODE ABRIR-SE PARA VERIFICAÇÃO POSTAL DE04912011GRC



Gaiato

Quinzenário • 24 de Março de 2012 • Ano LXIX • N.º 1775 • Preço: 0,33 € (IVA incluído)

Fundador: Padre Américo

Propriedade da OBRA DA RUA ou OBRA DO PADRE AMÉRICO

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Director: Padre Júlio

Director-Adjunto: Américo M. S. Carvalho Mendes

DA NOSSA VIDA

Padre Júlio

De 19 de MARÇO DE 1932 – 80 anos

«ONDE está Abel, teu irmão?», ecoou nos ouvidos de Caim, um dia, a pergunta que percorreu todo o seu corpo e o deixou aterrado. Logo procurou uma resposta que o viesse pacificar e defender: «Não sei dele. Sou, porventura, guarda do meu irmão?»

No mais íntimo de nós mesmos sentimo-nos corresponsáveis pelos irmãos. Sacudi-los da nossa consciência, para a pacificar, não é possível em definitivo. E do nosso pai, e do nosso filho, e... poderemos anular a nossa corresponsabilidade no sua vida?

Poi Américo ouviu, não o pergunta que soou em Caim mas o clamor dos Pobres do seu tempo, e assumiu fazer-lhes justiça.

Precisamente há 80 anos, no dia dedicado à figura do Pai, na Rua da Matemática, em Coimbra, sem fazer contos à sua vida, deu mais um passo na condição abraçada de *Recoveiro dos Pobres*. Tomava conta e abria a *Sopa dos Pobres*, promovida pelo seu Bispo.

Hoje muitas outras "sopas" se inauguram, até pela mão do Governo e de Organismos oficiais. São corências básicas o satisfazer, de tantos Pobres e novos Pobres que o delírio do dinheiro fez, ou não fosse o amar ao dinheiro a raiz de todos os males. Mas a justiça não fica ainda assim cumprida!

Como há 80 anos, pelo mão da Igreja, hoje pela mesma mão se dão as mãos a quem perde o pé na estabilidade económica da sua vida ou do seu lar. Mas a consciência é um bem, e o que ela pede não se pode aligeirar.

«Todos Te procuram», foi a palavra do Apóstolo a

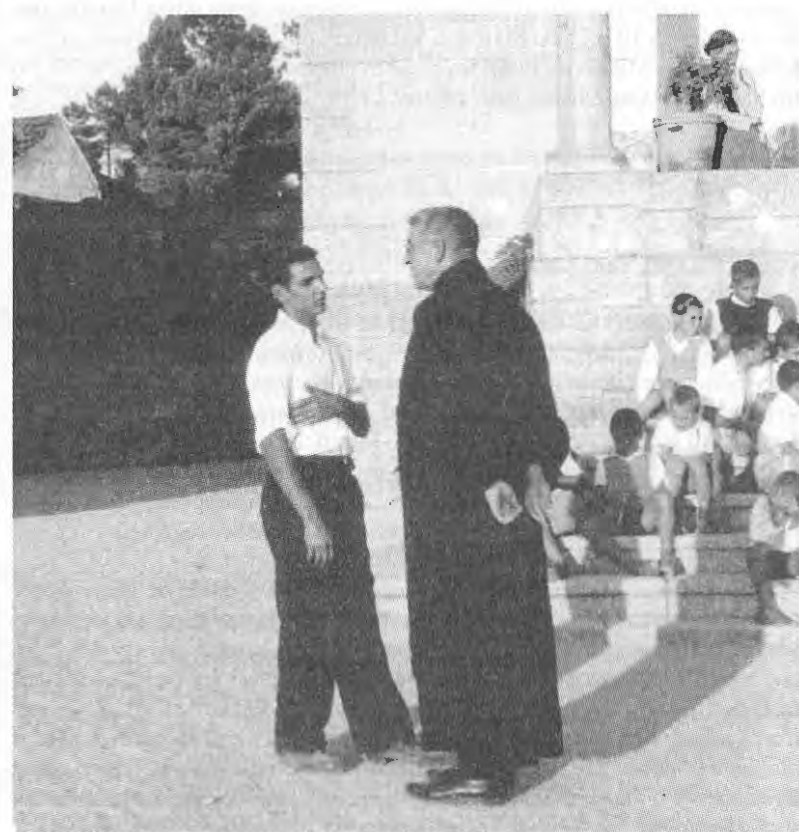
Jesus Cristo naquele tempo. Se hoje nem todos O procuram, é contudo uma oportunidade soberana para ver e confirmar que só n'Ele está o bem para todos, desde que os homens não intrometam os seus interesses. Sem estes, todos O procurariam.

Há 80 anos, Pai Américo começou a servir o prato de sopa aos famintos; depois edificou uma família para os sem família; seguiram-se casas para os sem ela; e, por fim, deu uma cama aos abandonados pelos seus forças e por todos.

Hoje, pesadas são as necessidades. O nível de vida andou voando pelo alto e os encargos não se aguentam. Os cães, como se dizia no tempo de Pai Américo, ladram com mais violência, e não se consegue colá-los com pouco. Adormecê-los, para dar o paz aos perseguidos, só se alcança com uma boa pancada de dinheiro. Difícil é orrumá-los de vez, pois isso só se consegue com trabalho, que anda escasso, e com a retribuição pelo mesmo.

Sobre a meso de trabalho temos sempre alguns, que os Pobres nos trouxeram, não parando de rosnar. De há muito são companhia diária. E o gente sabe que, nalguns casos, os donos exorbitam e ultrapassam o bom senso nos serviços que prestam; ainda que esfreguemos os olhos para ver com nitidez, só nos resta amansó-los como atrás ficou dito.

Como ajudaria, nos tempos que correm, que ecoasse de novo nos ouvidos de todos, a pergunta que um dia fez estremecer Coim, pois tantas e diversas são as atrocidades que sobre outros Abel se cometem?! □



PENSAMENTO

Pai Américo

Ai se tu soubesses como é lindo o Evangelho dos pobres... Se tu tivesses a experiência estupenda que este Evangelho tem... os montes caminhariam à tua frente e tu, silencioso, com a chave do mundo na mão, cantarias vitória... □

PÃO DE VIDA

Padre Manuel Mendes

Com abrigo

OUVE-SE falar em nova evangelização, sendo verdade que o Evangelho não passa de moda, é sempre actual. O serviço caritativo, de encontro e promoção humana, evidentemente que é um caminho precioso para evangelizar uma sociedade descrentizada, sem referências para o Alto, e assim mostrar a face de Deus vivo. *Só a Caridade faz feliz*, disse o trapista Rafael.

Conforme prometemos, não descansámos enquanto não voltámos ao encontro do pai do Divino, para o visitar no seu tugúrio, na Amadora. Desempregado e com tantas garantias exigidas quem pode assim comprometer-se em habitação?...

Aproveitámos para saber de um rapazito, com patologia na faringe. Constatámos que a sua mãe tinha sido desalojada com outros, de velhos andares, e sobrevive agora nos Anjos, da Capital. Sem uma casita digna e ocupação, como pode a pessoa humana sorrir pela manhã?

Propagam-se nas paredes, de construções em altura e moradias, as tabuletas de vendas, como um dos sinais da esgana de tantos sonhos de casais. Agilizar e baixar o custo do mercado imobiliário e incentivar a reconstrução podem promover populações frágeis, em situação habitacional precária. O panorama urbano é mais preocupante, e até mais marcado pela solidão dos anciãos. Dos emigrantes que vêm chegando à aventura, já encontramos alguns em pardieiros e rendas pesadas.

Neste âmbito, na cidade do Mondego, tem havido também um acréscimo dos sem-abrigo, sobretudo toxicodependentes, alcoólicos e desempregados, que atingem algumas centenas.

E um caso emergente veio parar-nos à porta, pois tinha de deixar um centro de acolhimento temporário e firmar um projecto de vida.

Continua na página 3

PATRIMÓNIO DOS POBRES

Padre Acílio

O Património está a apoiar duas Conferências vicentinas, na recuperação de casas para famílias muito pobres, em dois pontos do país. Uma no Norte, junto ao Douro; e outra no Centro, perto de Figueiró dos Vinhos.

São Conferências com vida, com dor pelos Pobres, com Amor a Jesus crucificado neles.

Não conheço todos os elementos, mas os principais são fermento que leveda com energia. Os párocos têm-se mantido demasiado distantes e não se atrevem a envolver a comunidade crente, que se reúne ao Domingo para celebrar o *Mistério*.

E eu sei porquê. — É que não visitam os Pobres. Se fossem a casa deles, saboreassem o desconforto, sentissem a angústia em que vivem, naturalmente se condoeriam e enternecidos, dariam de si, quanto possível, induzindo os membros das suas comunidades na mesma paixão.

Os padres são almas de eleição. Se o seu caminho e a sua educação na fé e na pastoral, tivessem

sido marcados por aquela força do Apóstolo: — «*Nós pregamos Cristo Crucificado*», não a crucifixão passada há vinte e um séculos, mas a actual que levamos misteriosamente ao Altar, todos os Domingos e muitos, diariamente, as suas preferências seriam muito diferentes — iguais às de Jesus.

O memorial do passado, se não for vivido no presente, perde todo o peso apostólico e fica-se na rama da história, da razão, do misticismo fútil que não compromete, não ilumina nem atrai ninguém.

Gosto de sentir os Vicentinos empenhados na luta verdadeira (é que há outras falsas) contra a pobreza.

A uma das presidentes, Professora Universitária reformada, eu mandava pela segunda vez a quantia correspondente a metade da dívida contraída com a reconstrução da casa e pedia-lhe que arrastasse o Senhor Prior. *Ele que peça na Igreja. Puxem por ele. Levem-no aos Pobres...* Sim é normal que o Espírito de Deus

fale sempre mais alto pelos mais pequenos. Os Leigos também podem e devem evangelizar os clérigos. *Arrastem-no!*

Nas duas Conferências são os elementos delas que adiantaram o dinheiro do seu próprio pecúlio e aguardam, com esperança, a reposição, mas o Património não lho deu nem pode dar todo. As dívidas também fazem andar!

Os Pobres são pedras angulares onde se constrói, com segurança e raiz forte, a comunidade cristã.

Aqui, em Setúbal, estou agora envolvido na recuperação de duas casas, atribuídas pela Câmara a duas senhoras, rejeitadas pelo pai dos seus filhos; uma com cinco, sendo um deficiente, e outra com três.

A primeira é um sexto andar, numa torre, cujo elevador, dizem-me, nunca funcionou. Já a subi por três vezes.

Faz-me bem calcorrear as dificuldades dos Pobres. Cada degrau é um impulso de graça animadora.

A gente olha para a construção e verifica sempre o mesmo facto. Os Pobres são impreterivelmente

Continua na página 3

Pelas CASAS DO GAIATO

MIRANDA DO CORVO

Alunos do Alternativo

AGROPECUÁRIA — Nos últimos meses, de Inverno, não tem chovido quase nada, o que é mau, em especial para a actividade agrária. A nossa cultura de aveia agradeceu uns chuviscos e foi adubada. Continuou-se a limpar as ervas daninhas nas nossas terras baixas, à volta de um regato. Muitas canas bravias na encosta da *terra nova* foram cortadas e queimadas, embora se tenham aproveitado algumas para estacar.

AGRADECIMENTO — Agradecemos muito as ajudas que os nossos amigos e amigas nos fazem chegar para as despesas desta nossa Família, que são grandes. A 10 e 11 de Março, o Valentino, o Aquilino, o Divino e o Victório foram às Missas da Igreja de S. José, que faz 50 anos e cujo Pároco é o Sr. Padre João Castelhana. Bem-hajam! □

CONFERÊNCIA DE PAÇO DE SOUSA

Américo Mendes

A NECESSIDADE DA PARTILHA — No ano de 2011 a nossa Conferência teve 13338,55 euros de receita e 15041,69 euros de despesa, tendo-se registado, assim, um saldo negativo de 1703,14 euros. Com isto não estamos implicitamente a pedir mais generosidade aos nossos Leitores. Contribuíram com 10645 euros, sabe-se lá com quanto sacrifício.

Do lado da despesa, com as falhas próprias do ser humano, temos procurado ser criteriosos. Diga-se, também, que não foi despesa aplicada toda na nossa freguesia. Há aí ajuda a outras conferências e a situações noutras localidades.

Ao publicar estes números estamos a cumprir o dever de prestar contas aos nossos Leitores, mas queremos, também, chamar a atenção para uma questão que precisa de cada vez mais cuidado nos tempos que correm. Para que todas as pessoas possam viver com dignidade, vai ser precisa cada vez mais partilha. Não se espere que venha da parte do Estado, ou de um crescimento económico que não se sabe quando como virá a solução para os nossos problemas sociais. Claro que o Estado deve ter aí uma palavra importante a dizer, mas sem mais e melhores formas de partilha na sociedade dita civil, não será possível responder bem a esses problemas.

As Conferências Vicentinas são uma forma dessa partilha que tem as suas virtudes e, certamente, também, as suas limitações. Se não servirem para mais nada, as Conferências Vicentinas servirão, pelo menos, para lembrar em permanência à sociedade essa necessidade de partilha, mas não partilha de qualquer maneira: uma partilha que procure a relação interpessoal e de proximidade. Que Deus nos ajude a sabermos fazer isto como deve ser.

Os nossos contactos:

Conferência de Paço de Sousa, A/C Jornal O Gaiato,

4560-373 Paço de Sousa

E-mail: carvalho.mendes@sapo.pt

Telem.: 965464058 □

LAR DO PORTO

Casal vicentino

CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS — São muitas as famílias que neste momento estão a passar por dificuldades; quanto às que prestamos assistência, estamos atentos e queremos continuar a estar presentes e dar o nosso melhor.

Não temos uma varinha mágica para mudarmos o comportamento das pessoas, tentamos aconselhar, mas a vida também já lhes deixou tantas sequelas, que nem elas acreditam que o seu futuro seja melhor.

Notamos que algumas famílias ficaram paradas no tempo, criaram vícios, habituaram-se aos subsídios, e agora, com esta crise e com estes cortes, sentem-se perdidos e revoltados, mas temos que admitir que agora paga o justo pelo pecador, mas esperamos que a nossa sociedade mude de atitude, porque têm de mudar os seus comportamentos, e não ficarem sentados à espera dos subsídios enquanto outros trabalham e por vezes com muitas limitações.

Sabemos que há muita injustiça, mas neste momento há mais oferta de mão de obra, infelizmente não se está a criar postos de trabalho, só constatamos o fecho de muitas empresas e muitas famílias desempregadas e com dívidas para pagar. Esperamos que esta situação se inverta, e que o nosso Governo crie soluções.

As famílias que assistimos, as mais numerosas que têm filhos a seu cargo, estão desempregadas e vivem do rendimento mínimo, estamos mais preocupados pelas crianças, mas contamos com a vossa ajuda para que o essencial não lhes falte.

Não somos perfeitos, mas tentamos, dentro das nossas possibilidades, ser justos, mas por vezes temos de dizer não, quanto constatamos que as pessoas não estão a ter a atitude correcta.

CAMPANHA TENHA O SEU POBRE — Maria Olema, cheque de cem euros.

Em nome dos nossos irmãos mais carenciados, obrigado.

O nosso NIB: 001000004417802000158.

O nosso endereço:

Conferência de S. Francisco de Assis

Rua D. João IV, 682 — 4000-299 Porto. □

PAÇO DE SOUSA

CASA — No fim-de-semana passado o Erickson, juntamente com a D. Guida, confeccionaram um delicioso almoço, tudo cozinhado no nosso forno. Assim, aproveitámos os recursos que temos, lenha e forno, economizando no gás. Por vezes, os cozinheiros também têm uma mãozinha da Felismina. Obrigado.

FESTA — No decorrer dos ensaios os nossos rapazes estão cada vez mais preparados para animar, alegrar e sensibilizar os nossos Amigos. E começaram os ensaios da peça de teatro sobre a Obra da Rua. Bons ensaios.

VISITAS — Com a melhoria do tempo, tem aumentado a normal frequência das visitas à nossa Aldeia. Muitas dessas visitas, aprendem com a nossa pedagogia e muitos pais e educadores tendem a transmitir os conhecimentos e educar os seus filhos na base do nosso método. Obrigado pela visita e pelos donativos.

ALDEIA — Os nossos rapazes juntamente com o Paulo «Mudo» apoiaram a Associação Florestal do Vale do Sousa a fazer a poda nas nossas árvores, para que, quando chegar a Primavera, floresça e embeleze mais a nossa Aldeia.

Zé Reis

DESPORTO — Mais um jogo e desta vez, fora de casa. Não era para ser, mas à última da hora tivemos que inverter as situações. Deslocamo-nos a Forjães, para defrontar a briosa equipa de Juniores do Forjães Sport Clube, da A. F. Braga. Fomos excelentemente bem recebidos por toda aquela gente. Nunca tínhamos jogado com o Forjães e, em termos de resultado, não ficamos afeitos; mas só nos podemos queixar de nós próprios! Jogar futebol é uma coisa e, «papaguear» é outra! Apesar da arbitragem ser da casa, não nos podemos queixar. Pelo facto dos atletas

de Forjães trocarem bem a bola, nós, também podíamos e sabíamos fazer isso. Mas, a nossa grande preocupação durante todo o jogo, foi fintar e «papaguear» uns com os outros; temos sempre razão. É impressionante! Como o nosso adversário não andava a dormir, aproveitou a nossa ingenuidade e... toca a marcar e a fazer marcar passo! A primeira parte foi desastrosa. 3-1, foi o resultado final e feito nos primeiros 45 minutos. O primeiro golo foi logo aos 2 minutos; o segundo — um grande golo do meio da rua — foi pouco depois. Nós reduzimos para 2-1, por intermédio do Fábio e eles resolveram fazer o 3-1, logo na jogada seguinte. Tudo foi feito perante a serenidade de quem queria ganhar, mas nada ou pouco fazia por isso.

Na segunda metade, apesar de não sofrermos nem marcarmos golos, foi ligeiramente melhor, mas a toada foi igual. Fintar até entrar com a bola pela baliza dentro, quando para fazer os golos que nos faltavam, era só chutar a bola à baliza. Um jogo que vamos tentar esquecer. Não vai ser fácil, isto porque, apesar da equipa adversária ser forte, nós podíamos e devíamos ter saído de Forjães com outro resultado.

Uma semana depois, a sorte voltou a não querer nada com a gente. Recebemos os Juniores do Canedo Futebol Clube, da A. F. Aveiro e, apesar de tudo termos feito, ainda não foi desta. O Canedo fez 0-1; nós, empatamos por intermédio de Fábio e, pouco depois, o Canedo fez o 1-2. Já na segunda metade, conseguimos empatar por Ronaldo — diga-se em abono da verdade, que foi um bom golo — mas o Canedo aproveitou um deslize nosso e fez o 2-3. Resultado final. O árbitro esteve bem. Quem esteve mal, fomos nós, que nos demos ao luxo de falhar duas grandes penalidades, e falhar golos com a baliza escancarada, como foi o caso de Joaquina por duas vezes. Mesmo assim quando foi substituído, ainda vinha cheio de razão. Assim, não é possível ganhar!

Alberto («Resende»)

ASSOCIAÇÃO DOS ANTIGOS GAIATOS E FAMILIARES DO CENTRO

Chiquito-Zé

Passaram 6 anos, no dia 17 de Março, que a “mãe” Maria da Luz foi levada para junto de Pai Américo, Pai Horácio, e outros tantos que passaram pelas Casas do Gaiato. O mais recente foi o Joaquim Carlos, irmão do Pascoal, no final do mês de Fevereiro passado. A Obra da Rua já vai acumulando anos. A Casa do Gaiato de Miranda já fez 72 em Janeiro, pelo que os primeiros gaiatos (que ainda são vivos), já andam na ordem dos 80 e tais. O tempo não pára e todos os meses são chamados mais alguns

que tenham passado numa das Casas. Mas o facto de ainda existir, é sinal de que a Obra da Rua tem sabido adaptar-se ao longo dos tempos; tem-se renovado nos Padres que a servem, nas Senhoras que os acompanham, sacrificando tudo da sua vida pessoal em favor de uma vida inteiramente dedicada aos outros, esquecendo a família de sangue, as férias, momentos de ociosidade que não existem, num altruísmo incompreensível para quem vive demasiado agarrado a si mesmo.

Também as Associações de Antigos Gaiatos precisam dessa renovação; a nossa incluída. Este é o ano da mudança. Temos eleições em Junho, por altura do Encontro/convívio anual. Apelamos, assim, aos mais novos, que sacrifiquem um pouco do vosso tempo para ajudarem a manter viva a nossa Associação. Façam-se sócios, apresentem listas, tragam ideias novas e vontade de mudar o que deve ser mudado. Há bastante tempo para se organizarem. Contamos convosco. □

DA CORRESPONDÊNCIA DOS LEITORES

«Agradeço o vosso pequenino/ grande Jornal O GAIATO que muito engrandece a quem o lê. Bem-hajam pelo vosso trabalho e que Deus esteja sempre presente em vós e na missão de educar tantas crianças e jovens — que o Senhor vos ajude...»

Assinante 57679»

«Aproveito o ensejo para reiterar o meu grande apreço pelo enorme trabalho que essa Instituição faz em prol de Sociedade mais desprotegida e que é modelo para todos aqueles que querem ser solidários.»

Assinante 13876»

«Caríssimos. Fraternais saudações. Mais uma vez fico muito aquém do que era meu desejo na participação das imensas dificuldades com que se debatem os obreiros dessa maravilhosa Obra — de que tão dignamente sois a Trave-Mestra — mas, infelizmente, o momento actual não contribui

para que possa satisfazer esse meu grande desejo. Fica, pois, esta exígia quantia... com ela vai também a minha grande amizade e admiração por Vós. Peço a Deus que vos conserve a vida e vos dê saúde e a vontade de continuar a directiva desse grande Apóstolo que foi o muito querido Padre Américo.»

Assinante 27244»

«O GAIATO continua a ser, para mim, um tema de meditação; algumas leituras sinto como é triste não poder ajudar, mas, também, ir ao encontro de todos para dar uma palavra de “amor”, da qual todos precisamos em todos os dias da nossa vida. Anseio a Beatificação do nosso querido Pai Américo... Embora tudo seja demorado, mas o dia há-de chegar.»

Neste momento tenho pouca saúde, idade avançada e algumas contrariedades físicas que não se esperavam, mas estão na moda; deixam-nos mais prostrados, mas com muita oração e a ajuda de Pai Amé-

rico, que junto do Senhor Deus pede por todos nós, vivemos mais acompanhados e cheios de esperança.

A todos o meu profundo agradecimento por tudo quanto fazem pelas crianças.

Assinante 26551»

«Caros amigos d'O GAIATO, é com enorme alegria que convosco compartilhamos algo que é fruto do nosso trabalho, para decidirem o que melhor entenderem com esta pequena “migalha”.

A leitura d'O GAIATO, que desde pequeno me habituei a fazer em casa de meus pais, continua hoje, por conta própria, agradecendo-vos os sinais Vivos de Fé que, sem mais, provam à sociedade a Providência Divina.

Nós, tão preocupados com as “nossas coisas”, numa lufa-lufa tonta, não nos fixamos, tantas vezes, no essencial — que maravilha ter alguém que, através de factos e pala-

CALVÁRIO

Padre Baptista

A Carmo

PASSA os dias com a vassoura na mão, varrendo todos os recantos do Calvário. Se eu fosse poeta, dedicava uma ode à vassoura desta rapariga. Depena, por vezes, as folhas dos arbustos só para ter o trabalho de as juntar. De vez em quando, canta. Sabe ocupar o tempo de modo simples e útil. Um tumor na cabeça, a que foi operada, tornou-a ligeiramente hemiplégica. Por isso, utiliza apenas uma das mãos para o que tem a fazer. Distrai-se desta maneira. É feliz. Quer esquecer o passado nada agradável. Vivía com a mãe. Após o falecimento desta, foi bater à porta duma irmã que se recusou a recebê-la. Entretanto, um irmão, a trabalhar no estrangeiro, veio pedir-nos pousada para ela. E ei-la em paz nesta nova morada.

Não é fácil esquecer o passado, mas a vassoura dá-lhe uma ajuda preciosa. Como é diferente a vida nesta Casa!

Muita gente passa o tempo olhando para o passado. Muitos voltam a ele de modo masoquista, carpindo mágoas de outrora. Ora, o passado já não existe. Importa desfrutar o presente com tudo o que ele tem de bom e agradável.

Jesus não quis mandar embora, sem comer, a multidão que O escutara todo o dia. E mandou que lhe fosse distribuído pão, para assim saborearem melhor aquele momento e aquele encontro.

Como Ele gostava de ver os coxos a andar, os cegos a ver e os leprosos a saltar de contentes, depois de curados! Queria fazer-lhes esquecer o passado e a viver mais alegremente o presente.

E ao bom ladrão? — *Hoje estarás comigo no paraíso!* E então o passado dele? Era sempre o presente e o futuro que Jesus tinha em mente. Queria ver todos felizes.

Ora, muita gente passa o tempo



PATRIMÓNIO DOS POBRES

Padre Acílio

Continuação da página 1

relegados para último lugar. Nas escolas, fala-se muito às crianças de auto-estima. É preciso criar, favorecer o brio dos alunos, mas quando se chega à prática, fica tudo em teoria.

A construção é uma miséria. As canalizações apodreceram. Os rodapés do soalho, os aros das portas, são feitas de cartão folheado, que à primeira vista parecia um mogno fino e agora, estão todos desfeitos. O janelão que ilumina a escada pelos andares acima é quase todo encoberto por um tubo rectangular rebocado, através do qual, no gabinete dos projectistas e sonhadores, as pessoas deveriam vaziar os lixos, o que só aconteceu nos primeiros tempos, pois o tubo entupiu-se, ninguém o desobstruiu e o lixo acumulado, foi apodrecendo, tornando inútil e prejudicial a "académica" invenção.

Os vidros altos, amarelecidos, da abertura que ilumina a escada, pelos andares acima, cheios de teias de aranha e poeira grossa, só uma agulheta os poderia limpar.

Um abandono e um desleixo indescritível, os quais fazem também as pessoas desleixadas, encarcerando-as, cada família no seu apartamento, sem se incomoda-

rem com os outros vizinhos, de tal maneira que não há condomínio, apesar das catorze famílias que a torre acolhe.

A porta de entrada do prédio, desapareceu e o átrio que dá para a escada, está todo esburacado, originando arrepios em vez de conforto.

Exigi à mãe de família, a limpeza do chão das divisões que, salvo a cozinha, é todo de tacos de eucalipto.

Tenho de mandar, para lá, um carpinteiro, um pedreiro e um canalizador.

Cinco crianças e a sua heróica mãe, merecem tudo. Ela precisa de uma casa estável com renda acessível, de modo a perder o medo que lhe tirem os filhos.

Já lhe levei esquentador, máquina de lavar roupa e frigorífico, que trouxe de Lisboa. O fogão não se adaptou. Tenho de arranjar outro.

A segunda, é a cave de um prédio, instalado na quina de uma rampa, de modo que a porta de entrada que dá para a cozinha é já normal por ser nas traseiras que são frente da morada. As janelas, na frente do edifício, pequeninas, são defendidas por persianas.

A casa estava toda destruída. A miséria humana chega muito fundo! A droga destrói tudo. As

a ruminar o passado, magoando-se. Como o Mestre, somos todos chamados a tornar o presente dos que sofrem menos penoso e mais agradável. E a vida hoje está sendo difícil para muita gente. O presente não é risonho para muitos.

— Ó Carmo, tu andas para aí tão despreocupada e descontraída. Olha que há muita gente a passar fome e a sofrer grandes dificuldades.

— Não me diga!

— Sim. É verdade.

A Carmo deixou de cantar naquele dia. Estraguei-lhe o tempo. Quem dera que as dificuldades de muitos perturbassem o viver dos que as não sentem, no seu dia-a-dia, e os levassem a partilhar em ajudas concretas, tornando o presente mais saudável e confiante para todos. □

peças que a ocuparam nem pareciam racionais! Meu Deus! Onde chega a fraqueza humana?! E para onde foram elas?!... Que dores!...

Pede-me materiais para a reedificação. Sim senhora. Dou-lhos todos. Já lhe levei alguns. O tio faz-lhe a obra. Como é bom encontrar cireneus! Um homem simples e bom lá põe o reboco podre abaixo, fez algumas canalizações e, agora, vai rebocar de novo e pintar, assentar azulejos na cozinha e na casa de banho e acabar a obra.

Tanto a cozinha como a casa de banho, vão ser forradas a azulejo até ao tecto. Não aches exagero, numa obra, os materiais são a parte mais barata e os Pobres precisam de ser tratados com carinho.

O chão, com oitenta e três metros quadrados, vai ser todo em tijoleira cor de vinho, os azulejos da cozinha terão beleza para aconchegar a família. As loiças e os ladrilhos da casa de banho hão-de ser belos e favoráveis à promoção da pessoa humana. Os aros e as portas serão sólidos e fornecerão segurança. Há-de ali rescender o *Amor de Deus!*

Como eu gostaria que as Conferências vicentinas trabalhassem nestas iniciativas! Como eu desejo que os párcos se empenhem ou, ao menos, soubessem o que a Obra faz pelos Pobres da sua área. Mas fico apenas na ânsia! □

vras tão oportunas, nos fazem aterrar na realidade da Vida! Muito e muito obrigado pelo bem que me fazem!

Assinante 60883»

«Para que a chama não se apague e possamos sentir sempre a presença d'Aquele que é Luz do Mundo, cá vai uma pequena acha.

Assinante 42602»

«Com a aproximação do Natal aproximam-se os nossos caminhos.

É nesta altura que mais lembram os Amigos. Pois, como não podia deixar de ser, aqui estou... para "pagamento" do 'Fanoso' — Jornal que me enche o coração e depois de o ler, partilho sua leitura com os vizinhos...

Assinante 21390»

«Toda a minha vida, desde que me lembro de quem sou, recordo meu pai recebendo e lendo O GAIATO.

Toda a vida ele contribuiu com o que lhe foi possível para a vossa Casa.

Uma vez ele desaparecido, assumi eu a leitura d'O GAIATO.

Muito obrigado pelas notícias que me enviam regularmente. Longa vida à vossa Obra — que duramente, mas corajosamente, tendes continuado de olhar fixo em quem a sonhou e depois a fez existir.

Assinante 72284»

DOCTRINA

Pai Américo



Cartas

SIM, cartas. Todos os dias e das mais longínquas paragens e credos diferentes! O que os homens pensam e sentem e dizem e escrevem do nosso Jornal! E o que lhes não fica no coração por dizer! Isso é que é!! Eu leio e medito e faço desaparecer. Eu rasgo tudo. Nem memórias, nem epítáfios. O silêncio. O esquecimento. Que a terra me coma os ossos. *Soli Deo honor et glória.*

ORA vamos aqui a uns pequeninos trechos de algumas que chegaram ontem. Estes dizeres elucidam. De Lisboa, alguém, em carta de quatro folhas: «Como O GAIATO descobre as chagas! Às vezes, verruma, verruma, até fazer doer. Estou grato pelo bálsamo da sua caridade!» Do Norte, um sacerdote: «Ele bate-nos e faz-nos sangue a nós, padres, e cada vez nós o amamos mais!» Outra vez do Norte, também um sacerdote: «Admiro o Jornal. Amemos por ele a Igreja. Sou filho de gente pobre e contento-me com os Pobres. Peço me creia, pois, fraternalmente, um padre da rua, um dos seus, em Cristo e nos barredos!»

AINDA o Norte a falar. É um que se diz comunizante: «O Jornal é o único no País que puxa o carro». Para não trair, dou as palavras textuais com o seu pitoresco e tudo. É um comunizante. O que tem graça, é dizer precisamente a mesma coisa, ainda que doutra forma, a carta que a seguir abri. E esta é de um grupo de católicos universitários de Lisboa! A imediata, naquela hora, é uma carta da comunidade inteira de um colégio. Li. São rapazes a escrever: «A grandeza da Obra deslumbra-nos e faz-nos meditar». Agora fala Roma: «Saiba que aqui em Roma, na Universidade de Latrão, um estudante de direito canónico vai fazer a sua tese sobre a doutrina do «Famoso»!

ISTO num dia! O que será de cartas na roda do ano?! Pois se os homens são tão irmãos, para quê e por quem se batem?! Se todos eles querem interiormente «uma só coisa» e isso vê-se aqui...! Se assim é, porque se não juntam?!

Do livro *Doutrina*. 2.º vol.

PÃO DE VIDA

Padre Manuel Mendes

Continuação da página 1

Provém do Ingote e precisado de se afastar daí, para levantar a cabeça com as suas mãos, de pedreiro.

Vagou uma casinha com a sigla Património dos Pobres, construída em 1952, com serventia dos Rapazes e materiais em carros de bois. Fica alcandorada numa encosta, nas Fontainhas, em nesga de terreno ladeiro, mas com Sol a jorros do nascente e vistas largas. Um contrato de comodato vai comprometê-lo. Foi-lhe entregue a chave na mão, a 12 de Março. *Era peregrino e recolheste-Me.*

Na subida íngreme, fazem-nos parar uns belos azulejos, que dizem respeito a uma das obrigações dos ocupantes *in illo tempore*, que o Padre Américo deixou nas paredes interiores: *Alumiarem as Alminhas todas as noites, para diante do Senhor ser culto e luz na eternidade.*

O problema habitacional não há-de passar ao lado na prática eclesial, sob pena de se pregar o bem moral de certas situações, sem começar as obras pelos alicerces.

O Menino nasceu, cresceu. O Senhor Jesus que veio ao mundo sem abrigo próprio e Homem feito não tinha onde reclinar a cabeça, teve de baixar à terra num lençol, pela mão de José de Arimateia. E assim nos levantou para sempre. Temos mesmo dúvidas de que, ao elevar os despojados, passamos da crise à esperança?...

No nosso mundo contemporâneo, quem dera que não se vá perdendo o sentido do bem e do mal, e que aquele há-de vencer.

Depois de um Inverno que se esqueceu de vir, sem chuva, os passarinhos e as rolas ainda esvoaçam e cantam para os seus ninhos. A alegria melodiosa e o aconchego destas criaturas também são uma lição para nós, neste tempo, se escutarmos Jeremias: *Vejo um ramo de amendoeira, a florir. Mesmo com escassez de água, ninguém trava a Primavera!* □

BENGUELA

Padre Manuel António

Estamos no tempo da Quaresma

A Festa da Páscoa é a meta. Quem dera fosse bem aproveitada para uma revisão séria das nossas vidas! Como está a nossa vida familiar; nossa vida de trabalho; nossa vida de relações sociais. Sem dúvida, um ponto fundamental está na minha atitude a respeito dos pobres, dos inválidos, dos que sofrem injustiças. Se nos chamamos cristãos é necessário que o demonstremos com as obras. É preciso não desanimar. Seremos felizes na medida em que ajudarmos os outros a serem felizes. Aqui está a nossa vocação. Por isso, a nossa vida há-de ser um dom para os demais. Os pais serão verdadeiramente pais, na medida em que derem a vida pelos seus filhos. A fuga desta responsabilidade gera autênticas desgraças familiares e sociais. O amor é superior a todas as leis. Seremos tanto maiores

quanto mais servidores formos. Aqui está a lei fundamental para o cristão e todo o homem de boa vontade. Aqui, a lei fundamental para a Igreja, para as comunidades de cristãos. O tempo da Quaresma é tempo de revisão. Seria muito importante que, individual e coletivamente, fizéssemos revisão de vida sobre este ponto. Vamos ter coragem!

Levanto, mais uma vez, os meus olhos para contemplar o mapa de Angola. Entra no meu coração e pede-me que o leve, também, ao vosso coração. São multidão os filhos de todas as idades a precisar do nosso serviço. Agora mesmo, estou a ler uma carta a contar a história dum filho, natural do centro geográfico desta grande e querida nação. O pai é falecido. A mãe é alcoólatra. O Alberto José, de 14 anos, vive abandonado, pois não

tem ninguém com pulso para o ajudar, nesta fase difícil da sua vida. O início adiantado da adolescência vem complicar, ainda mais. Que fazer? A nossa vida não tem outra missão: servir. Vamos tentar.

Aquela mãe, fisicamente deficiente, abandonada pelo pai dos seus filhos, veio visitá-los. São três. Ainda não estão civilmente registados, mas já frequentam a nossa escola. A felicidade espelhada no rosto da mãe e dos filhos é a maior recompensa do serviço da nossa vida. Mas, como seria possível viver esta doação da nossa vida sem a partilha generosa do vosso coração? A confiança gerada pelo vosso amor, traduzido na ajuda que possais dar-nos, gera a esperança necessária para podermos continuar. É o bem da humanidade concreta que está em causa. O que fazemos pelos outros, a nós mes-

mos o fazemos. Servir por amor é a nossa grande missão.

Quantas vezes pode acontecer que o desânimo bata à nossa porta, porque o trabalho não resulta perfeito! Devemos estar preparados para que este ladrão não entre. O artista é paciente, começa e recomeça a sua obra, durante o tempo necessário. Assim é o educador. Por isso, os pais e todas as pessoas que vivem a missão paterna não-de ser pacientes e cheios de esperança. Nunca será, em vão, a sementeira feita com todo o carinho possível. Estas verdades são entendidas pelo caminho da experiência. Podem encontrar-se no livro do coração de cada um. É necessário caminhar sempre, de mãos dadas com a vida real de todos os dias.

A dimensão transcendente de cada ser humano deve entrar no projecto educativo de cada criança, adolescente ou jovem que marcará a sua idade adulta. Vem a propósito esta observação, por causa dum acontecimento que marcou a nossa vida, há poucos dias. Um grupo de rapazes, dos 16 aos 21 anos, recebeu o Sacramento do Crisma ou Confirmação, juntamente com centenas da comunidade paroquial. É interessante esta integração na vida da comunidade. Queremos ajudar cada rapaz a ser um homem normal, no seio da sociedade, participando de todos os bens humanos e espirituais. Deste modo, não será um peso morto, mas ajudará também a construir um mundo novo. Quem dera! □

REEDIÇÃO DO LIVRO «OBRA DA RUA»

QUANDO assinalamos 80 anos passados sobre uma data marcante na vida da nossa Obra, 19 de Março de 1932, tida como a que trouxe à luz a Obra da Rua, anunciamos a reedição do livro da nossa Editorial com o mesmo título: «Obra da Rua».

É a sua 5ª Edição que agora demos ao prelo, sendo que, relativamente à última (esgotada), sai actualizada pela inserção dos capítulos relativos ao regresso das Casas do Gaiato a Angola (Malanje e Benguela) e a Moçambique, na sequência do pedido das Igrejas locais e do acordo dos Estados.

Adquire também um novo formato, acompanhando as últimas publicações que temos dado à estampa.

No dizer de Pai Américo, o livro «é um relatório; relatório do que se tem feito desde o ano da graça de mil novecentos e trinta e dois e do que se deseja fazer pelos anos fora, a bem dos que trabalham e sofrem. Trata-se do relatório de uma vida inteiramente devotada ao Pequeno de palhas infelizes, herdeiro forçado da miséria social com suas muitas e variadas constelações.»

Ei-lo à disposição, por pedido à nossa Editorial, dos nossos Amigos Leitores e de todos os que dele venham a partilhar a alegria dos passos andados e aqui descritos, palmilhados «não por amor dos sucessos, mas sim por terdes o vosso nome escrito no Céu», dizia o Mestre».



O PÃO DO PAI

Padre João

DE vez em quando passo em casa do Tonito — um antigo gaiato de Miranda. É, entre os muitos conhecidos, aquele por onde passo mais vezes. Sou atraído pela conduta modesta daquela família, confesso. Há tempos fui com eles celebrar a missa das suas Bodas de Prata matrimoniais. Tudo como estava a calcular, desde as alianças ao altar e do altar ao jantar: a marca da simplicidade!... As alianças evocativas, as mesmas do dia do matrimónio — apenas mais um traço de ouro branco. Era o dia da Festa litúrgica da Conversão de S. Paulo. Eu gosto muito de flores! Não tinham flores. Disse à esposa que não podiam faltar. Cinco botões de rosas brancas, tantos quantos são em número os membros daquela família: pai, mãe e três filhos. Foram por elas e chegaram a tempo. A missa começou à hora marcada e a figura ímpar de S. Paulo foi «mestre-de-cerimónias», no tocante à Palavra e acção litúrgica: «A Caridade tudo desculpa,

tudo crê, tudo suporta...», a Caridade nunca desaparece...». Na Oração dos Fieis, para além das intenções previstas havia mais uma: «pelos nossos avós velhinhos, outros pais que nos deste...» — ausentes por impossibilidade de saúde, confiados que estão à guarda de um Lar.

Ao ofertório cada um dos filhos — três Rapazes de 13, 18 e 23 anos de idade — aproximaram-se do altar e apresentaram os «dons da criação» com dedicatórias de um sabor humaníssimo enteneecedor, que não hesito em transcrever: «Nós te oferecemos Senhor este pão criado nos nossos campos, amassado pelas mãos do nosso pai, partido e repartido pelo amor da nossa mãe. Este pão representa todo o esforço deles ao longo destes 25 anos de matrimónio para que nada nos faltasse em casa; ele se torne agora alimento espiritual, fortaleça os seus corações e repare o seu amor na dura seara da vida». O Filho do meio avança e apresenta

um jarro de vinho desta forma: «Nós te oferecemos este vinho Senhor que vai tornar-se sangue de Jesus. Ele significa a vida de nossos pais feita dom para nós em tantas coisas pequeninas, sofridas e repartidas ao longo destes 25 anos do seu amor conjugal; que Ele seja para nós Água Viva a matar a nossa sede nos caminhos da vida». Finalmente, o filho mais novo: «Nós te oferecemos estas flores Senhor que simbolizam o amor e o carinho dos nossos pais um pelo outro e por nós; que este amor se fortaleça sempre mais na jornada longa da nossa vida de família...». Tudo muito belo e elevado do agrado de Deus! Não duvido...

Finda a celebração o jantar modesto a condizer na casa paterna. Tudo preparado por eles, por todos. A mãe a mesa, o pai a refeição e os filhos as sobremesas. O pão «amassado pelos braços e mãos do pai...». Compreendi mais uma vez porque é que o mais novo quando vai pelo pão lhe dá tanto ênfase: «quero o pão do pai...». Assim a família, a educação, o amor! □

SETÚBAL

Padre Acílio

Ajuda

Na PT, há gente muito nossa amiga. Ou lêem O GAIATO ou são filhos e netos de antigos assinantes ou há alguém por lá que fermenta os ideais da Obra e o Amor pelos Pobres.

Surpreenderam-nos com uma campanha feita entre os trabalhadores e amigos, organizada por uns cartazes com estes dizeres: **Ajude quem ajuda. De 27 de Fevereiro a 2 de Março. Campanha de recolha de alimentos para a Casa do Gaiato.** Refeição: a afeição que os colaboradores da PT têm pela Casa do Gaiato, vai ser re-forçada pela angariação de alimentos em prol desta Obra. Mais que a sua intenção vale a acção.

Ingredientes: arroz, leite, conservas, azeite, massas, enlatados. Um carro trouxe-nos oitenta e duas caixas grandes, de papelão, cheias de mantimentos seleccionados e decoradas com o referido cartaz.

É verdade que enchemos a nossa despensa, a qual não é só da Casa do Gaiato mas de todos os que a ela batem à porta, diariamente.

É um reforço bem bom. Dá para enriquecer os avios que têm levado só pão, fruta, batatas e hortaliças, com alguns iogurtes que o INTERMARCHÉ de Setúbal nos dá, três e quatro vezes por semana, numa atitude cheia de dignidade e carinho.

Que Deus me perdoe, mas esta acção dos colaboradores da PT, além de todo o valor, teve mais este mérito: descomprimiu-nos. Durante algum tempo, a pressão dos Pobres é menos intensa, pois temos com que lhes encher os sacos.

Sabes o que é um pai não ter pão para dar aos filhos? Sabes? Não sei se sabes! Nós sabemos por experiência própria. Daí a violência que os Pobres provocam em nossos corações.

O Jumbo, o Intermarché e, agora, a PT têm sido o nosso alívio e o conforto dos Pobres.

Poda

Foram os Rapazes os podadores da vinha, plantada o ano passado. Naturalmente, que estes foram ensinados e vigiados por dois mestres. Homens nossos amigos que vieram explicar aos Rapazes, olhando para uma videira, o porquê da poda, o seu alcance e utilidade.

Nem todas estas plantas se cortam da mesma maneira. É por isso que esta actividade requer inteligência, amor à cepa e, sobretudo, muita consciência do que se anda a fazer.

As videiras mais fortes e mais crescidas, chegavam ao segundo arame e ali eram cortadas e atadas, depois de se lhe deceparem todos os olhos, menos os últimos dois ou três de cima. As mais pequenas e mais fracas, ficavam rasteiras ao chão, com os mesmos dois ou três olhos. As médias, ficavam no primeiro arame, com o mesmo tratamento.

É uma lição de vida. Quantos olhos maus da natureza humana, a gente tem de degolar, ao longo da vida, para atingirmos o equilíbrio humano, o domínio pessoal e a posse espiritual! Quantos!? — Só cada um poderá responder da sua experiência.

Com a poda das videiras, vão aprendendo que só os de cima estão destinados a crescer, a dar frutos, e a encabeçar a planta e que consigo próprios se passa o mesmo. É preciso podar todos os dias, e às vezes mais, nuns períodos que noutros.

Jesus utilizou a cepa para pregar a indizível aliança feita com qualquer Homem e, sobretudo, com os Baptizados. «Eu sou a cepa, vós os ramos. Toda a videira que dá frutos, Meu Pai poda-a, para que dê mais fruto».

Os Rapazes ainda não percebem bem esta linguagem sobrenatural do Senhor, mas quando amadurecerem e se madurarem na Fé, vão entender melhor, com mais profundidade, toda a mensagem divina.

A actividade agrícola, embora realizada, ocasionalmente, quando as ocupações do estudo permitem, dá-lhes base para interpretar melhor o Mistério da Fé pregado por Jesus.

A poda e a vindima são, nesta perspectiva, acções de luxo. □



Casa do Gaiato • 4560-373 Paço de Sousa
Tel.: 255 752 285 • Fax: 255 753 799
jornal.o.gaiato@obradarua.org.pt • www.obradarua.org.pt • obradarua@iol.pt

NIB: 0045 1342 40035524303 98
IBAN: PT50 0045 1342 40035524303 98
BIC/SWIFT: CCCMPTPL

Contribuinte N.º 500 788 898
Reg. D. G. C. S. 100398
Depósito Legal 1239